

TIRADENTES E OS INCONFIDENTES*

Antônio Marcos Alves
Aspirante a Oficial PM

Resumo: No presente trabalho, o Autor enfoca a Inconfidência, seus antecedentes e o papel nela desempenhado por Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

1 INTRODUÇÃO

O sangue dos inocentes ensopa a terra inteira, desde os seus primórdios. A História está molhada de vermelho, e os heróis se multiplicam, numa luta tantas vezes inglória, para resgatar a mancha do sudário. Principalmente na América, a injustiça causada pela ganância possui o brilho do ouro e a ilusão das esmeraldas. As graças com que o Criador ornou esta Pátria mineira tornaram-se, em vários momentos, motivo de horror e aflição. Por elas agonizou Fernão Dias, por elas humilhou-se o negro acorrentado; por elas desaparecem, nestes dias, o índio e a Amazônia.

Perdido o roteiro das divisas, deploram as Gerais e range os dentes o planeta, na iminência de ver devastada a camada de ozônio que o protege há milênios. Entretanto, é nesses períodos de maior agonia que uma força coletiva começa a acumular-se. Surge, súbito, nascido da gente, um vulto empuçado que ninguém destrói. Caminha na calada, seca as lágrimas e faz com seu tecido uma arma imortal, capaz de não temer a vida nem a morte. Ei-lo de repente, o novo Tiradentes! Num automóvel ou a cavalo, vai dizendo a todos que a liberdade vem logo. Quem o vê, com seus trajes de Alferes, irá testemunhar a coragem sem limites. O romanceiro das cecílias sugerirá às conjurações um triângulo na bandeira e o verso de Vergílio.

Seja Felipe dos Santos, Tiradentes, Cristo, os heróis são flores sempre retornando. E o que incomoda ao opressor é que essa primavera

* 3.º lugar no Concurso de Monografias sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira, promovido pela PMMG.

obedece a um ciclo natural. Salguem-se os terrenos, maldigam-se os poetas, troquem-se os quartos dos heróis pelo quinto, não importa: haverá outra estação. Do solo macerado, das montanhas explodidas, ouve-se clara a voz do conjurado: "*Libertas quae sera tamen*".

E quem quiser saber o que diz a palavra, hoje, é só abrir o ouvido, porque ela está no ar...

2 PANORAMA DO MUNDO NO SÉCULO XVIII: PRELIMINARES HISTÓRICAS

Numa época de prodígios, quando terminava a Idade Média, utilizavam-se a imprensa e a pólvora, fundavam-se universidades, surgia a América. Os escritores, filósofos e pensadores da Idade Clássica eram avidamente lidos e assimilados. Fazia-se necessária a expansão geográfica pelos mares. O tesouro dos astecas, no México, e dos incas, no Peru, assim como a revelação das minas de ouro, no Brasil, despertaram a ambição do europeu. A 13 de agosto de 1521, caía o Império Mexicano, e Cortês fundava a Nova Espanha. O preço dessa conquista foi a destruição de um patrimônio cultural que jamais será resgatado. Os povos aparentemente primitivos guardavam conhecimentos de origem tão remota e construções tão bem elaboradas, que até hoje causam assombro. Em menos de quatro anos, os espanhóis demoliram o trabalho secular dos "filhos do sol", incas e astecas.

A América revelou-se espetacularmente ao mundo. As casas européias passaram a ser habitadas por um sem número de viúvas, cujos maridos se perdiam nos mares e florestas desse novo continente, em busca das riquezas. A enxurrada da fortuna enriquecia a burguesia comercial, no trajeto França/ Inglaterra. O Cristianismo ganhava adeptos que perdera com a Reforma, e miscigenava-se o sangue conquistador com o dos nativos americanos.

Os espanhóis, continuando no trajeto ultramarino, assassinavam índios, exterminavam animais e disseminavam um estado de decomposição moral por todo o continente.

Portugal, mais interessado nas Índias, recebendo escravos da África, pouco proveito viu na nova descoberta. O rei tratou de arrendar a terra cabralina a um rico comerciante lisboeta, D. Fernando de Noronha, por uma importância média de quatro mil cruzados anuais e por um preço renovável de três anos*. Assim, em vez do massacre, nossos índios tiveram inicialmente o apoio do rei e dos jesuítas.

Com o tempo, o índio puro desapareceu. Nóbrega, num documento

* SIMONSEN, Roberto C. *História Econômica do Brasil*, p. 54.

de 1551, escrevia a D. João III:

"O sertão está cheio de filhos de cristãos, grandes e pequenos, machos e fêmeas, com viverem e se criarem nos costumes do gentio. Há grandes ódios e bandos. As coisas da Igreja mui mal regidas e as da justiça pelo consequente."

Malgrado essa situação, o conhecimento da terra, em mais de meio século, não ultrapassava a orla das praias. Nenhum investimento lusitano valia a pena, segundo o próprio rei.

Os problemas com as potências marítimas prendiam a atenção dos lusos. O Reino se enforcava, no intento de evitar a concessão de patentes de corso aos súditos, pelas dificuldades de trânsito das naus oficiais e pelas constantes guerras. Mas as grandes potências da época assimilavam o conceito de Grotius do *"mare liberum"*, porque servia aos seus interesses como uma luva. Inglaterra, França e Holanda cobiçavam o ouro e, portanto, fomentavam o uso das patentes. Os mares infestaram-se de piratas, ficando o caminho das Índias, assim como as colônias espanholas e portuguesas, ameaçadas pelos retardatários na repartição dos tesouros.

A dominação portuguesa era incontestável, porque o sentido da colonização era liberal. Sem maiores interesses na terra, o rei não firmou nenhum contrato que visasse à exploração dos bens a serem localizados. Interessava-lhe mais o caminho das Índias e a exploração da costa da África (especiarias, marfim e negros). O comércio do pau-brasil mostrava-se aleatório e insignificante. À medida que foi perdendo para a Holanda grande parte de suas colônias, e dificultando-se o tráfego para o Oriente, o objetivo começou a se modificar. Os sessenta anos de dominação estrangeira foram trágicos, e a Restauração (1640) despertou a nação. Os engenhos brasileiros salvariam a Metrópole. A partir daí, o rei e seus ministros viram a "ilha" de Vera Cruz transformar-se em vastíssimo império, capaz de expulsar os batavos e de defender-se dos corsários. Com recursos que restauraram o erário real, a colônia se fazia um laboratório de raças, com espírito libertário e força suficiente para a prática da liberdade. Uma quase etnia certamente se confrontaria com a Metrópole alienígena, muito em breve. O mameluco, o mulato, o cafuso eram raças nacionais do Novo Mundo, e Portugal passou a ver neles um crescente obstáculo ao liberalismo, além de uma ameaça ao futuro da colônia. Tais problemas não ocorriam com a África.

De fato, a primeira reação nativa sucedeu em São Paulo, com a aclamação de Amador Bueno da Ribeira para rei, embora alguns historiadores vejam no episódio uma reação dos espanhóis residentes contra a Restauração.

Quanto aos acontecimentos reais, D. João IV tornou vigorante as

²² NÓBREGA, Manoel da. *Cartas do Brasil*.

Ordenanças do Reino, da época de D. Sebastião. Regredia, refreava, mas a colônia já progredira sessenta anos. Portugal restringia a marcha de sua colônia, mas a população e a riqueza cresciam vertiginosamente.

A Metrópole vivia estacionária. Viviam e fruía dos bens de seu domínio, daí o nascente ódio que começou a interpor-se entre os nacionais e os que vinham de fora. Os portugueses chamavam "a cabrada" aos descendentes de branco e negro, e os brasileiros chamavam aos portugueses "mascates", "emboabas", "marotos", "pés de chumbo". Os brasileiros podiam ser "mazombos", "pés rapados". Os portugueses, "reinóis", "ilhéus" ou "galegos". Tais alcunhas eram oriundas do século XVII. Distinções e rivalidades, espírito de independência, contra a opressão vinda de fora: esses os sentimentos mais comuns entre os habitantes da América. Em Pernambuco e Maranhão, reconhecia-se o domínio holandês no Brasil (1642), o que incentiva a defesa de dentro para fora do país. O "boca do inferno", Gregório de Matos Guerra (1623/1696), satiriza os estrangeiros e revela o amadurecimento do povo para a liberdade:

*"Que os brasileiros são bestas
E estão sempre a trabalhar
Toda vida para manter
maganos de Portugal".*

A lira de Gregório jamais poupou as bazófilas dos peninsulares. O clero, os nobres, os comerciantes, todos eram merecedores de seus comentários apimentados.

Nesse momento histórico, repontam no cenário Vicente de Salvador, Bento Teixeira Pinto, Manuel de Moraes, Diogo Gomes Carneiro, Vidal de Negreiros, Amador Bueno. Todos eles são produtos genuínos do Brasil que desponta.

O taubateano cognominado "o jauguara" (ou "cachorro bravo")^{*} descia as ruas de São João del Rei, a cavalo, esbravejando contra os forasteiros que atropelavam as minas de ouro dos paulistas (finais do século XVII e início do século XVIII).

Iniciando o século XVIII, três centros de produção de ouro (Minas, Cuiabá e Goiás) e um de diamante (o Tejuco) são descobertos. A Metrópole sofre mutações com essa descoberta, impondo tributos, impostos, fechando a colônia ao comércio do mundo, abrindo monopólios absurdos. Por esse motivo, explodem revoluções de caráter autonomista. No Maranhão

^{*} CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. p. 108.

^{**} TAUNAY, Alfonso de E. *Relatos Sertanistas*, p. 97

(24/2/1684), irrompe um movimento chefiado pelo português Manuel Bekman contra o monopólio da Companhia do Comércio do Maranhão. O motim triunfou, mas Portugal prendeu os revolucionários no ano seguinte. Beckman foi enforcado aos 2/11/1685, por causa da traição de seu afilhado e protegido, Lázaro de Melo.

Em 1682, irrompe um movimento na Bahia, quando o alcaide-mor Francisco Teles de Menezes, despótico e rancoroso, foi assassinado. O povo se colocou ao lado do assassino, sendo presos, na ocasião, vários jesuítas. Membros de famílias distintas foram presos, e a Bahia se levantou. Seguiram-se a Guerra dos Mascates (em Pernambuco) a Guerra dos Emboabas (em Minas Gerais), a invasão de Du Guay Trouin (no Rio de Janeiro). Essas três manifestações estenderam-se de 1706 a 1711.

O episódio em que foi morto Felipe dos Santos merece destaque, principalmente pela localização geográfica. Por uma carta de Vila Rica, soube o Conde de Assumar que haveria um grande motim em que ele seria expulso e nomeado um governador entre os revoltosos. O conde entrou em Vila Rica, trazendo escoltados muitos dos sediciosos, companheiros de Felipe dos Santos, e este foi executado.

Coube aos bandeirantes assistir à instalação do despotismo da Coroa em Minas. Cinco modalidades de impostos foram cobrados aos faiscadores. O fausto e o luxo insensatos modificavam a simplicidade dos hábitos dos portugueses. As riquezas jorravam das montanhas mineiras para a Corte ávida de fortuna. Os cofres estavam arruinados, as caravelas imprestáveis, as fortalezas mantinham-se desguarnecidas. Portugal não podia manter aberto o caminho das Índias. Nessas condições, o ouro brasileiro era uma dádiva. A madeira, o fumo, o açúcar, os minérios atendiam generosamente às necessidades da Coroa. Mas sobre o vasto território, nenhuma universidade ou escola de nível médio. Os jovens iam estudar na Europa, separando-se das famílias durante todo o período de estudos. É que dominava o pensamento de D. Diogo Meneses (1608), esclarecendo a Felipe II que haveria perdas nos investimentos na América: *"A perda que V.M. há de ter de sua fazenda (...) será um mal que não se poderá remediar"*.

Portugal (feliz ou infelizmente) não tinha inimigos na Inglaterra, mas a Espanha era sua tradicional opositora. A lenda do El Dorado desviava a Inglaterra das pretensões ao sul do Equador, e o Brasil continuava nas mãos portuguesas. Após a Restauração (1640), a Rainha Regente de Portugal, D. Luísa de Gusmão, realizou o casamento de sua filha, D. Catarina, com Carlos II, da Inglaterra, e um tratado é firmado entre a Grã-Bretanha e Portugal (23/6/1661), segundo o qual um contingente inglês permaneceria na Metrópole, e a esquadra Britânica ajudaria na defesa do reino, contra seus

* GARCIA, Rodolfo. *História política e administrativa do Brasil*, p. 150.

inimigos. Por esse documento, Portugal pagaria bem caro. Deixou de industrializar-se, enquanto o aliado crescia através da América, da África, da Índia e de todos os pontos da terra onde tremulasse a bandeira lusitana.

Agora, na América, as noções de liberdade e independência vigoravam, segundo a concepção filosófica da Declaração da Independência dos Estados Unidos (7/4/1776). As revoluções francesa e inglesa, a primeira de caráter político e a segunda eminentemente industrial, resultaram na ascensão da burguesia liberal ao poder e na queda dos antigos regimes feudais e absolutistas, baseados no mercantilismo e sustentados pela aristocracia decadente. Esse quadro histórico suscitou o debate entre antigos e modernos, contrapondo a tradição ao progresso. O conceito de progresso como um *continuum*, decorrente da evolução da tecnologia e do conhecimento científico, veio a fundamentar a ideologia burguesa desenvolvimentista, racionalizante e secularizada. O Iluminismo iniciou-se em torno de 1680. Foi também denominado Ilustração e logo se difundiu pelos países do norte da Europa. Esse movimento originou-se do racionalismo de Descartes, embora seus verdadeiros fundadores tenham sido Isaac Newton e John Locke. Essa revolução tivera seu escopo na Renascença, concentrando-se nas ciências físicas. Em 1687, Newton publicara a Lei da Gravitação Universal, baseada em Galileu. Estabelecia um só princípio unificador para todo o mundo material e afastava as dúvidas referentes à validade da hipótese copernicana, dando ao estudo da mecânica celeste sólidas bases científicas.

Durante a Revolução Industrial, os progressos dos fenômenos elétricos e químicos (Lavoisier) somam-se ao desenvolvimento dos meios de transporte, entre eles a máquina de vapor.

Quanto à filosofia e à arte, a oposição à ética e ao gosto cortesão proveio do emocionalismo e naturalismo de Rousseau e de Richardson, assim como do racionalismo e classicismo de Lessing, Winckelman e Voltaire.

O século XVIII foi político, e as idéias de igualdade, fraternidade, liberdade emanavam da França. Dizia Rousseau:

"O homem nasce livre e por toda parte geme nos ferros; o que julga senhorear os outros é de todos o maior escravo". Ao que replicava Voltaire: *"Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-lo".*

Concluindo, as idéias de libertação ocorrem muito mais como concepção filosófica, tal como a da Declaração de Independência dos Estados Unidos, do que como sentimento de oposição aos dominadores. Mas a coincidência dá um produto excelente e ruidoso.

* TORRES, Luíz Wanderley. *Tiradentes, a áspera estrada para a liberdade*, p. 71.

3 CONCLUSÕES SOBRE A INTOLERÂNCIA DOS SOBERANOS

O ambiente em que se passam os eventos da Inconfidência Mineira e os fatos sociais que a motivam levam-nos a algumas reflexões importantes sobre a intolerância absolutista.

Na peça *Antígona*, de Sófocles, a personagem é vítima da inflexibilidade emocional de Creonte, o que leva a um fim nefasto e doloroso. O rei, por sua vez, também se vê preso nos laços da própria desrazão, pois quis o destino que seu filho amasse Antígona e, por conseguinte, vendo-a morta entre os rochedos, suicida-se. A seqüência trágica será a morte da rainha e a solidão absoluta do rei Creonte, por não perdoar Antígona do crime de enterrar o irmão Polínice.

Foi a intolerância que levou Ricardo III aos mais hediondos crimes. Nero, Hitler e tantos governantes da atualidade tiranizaram o povo por motivos variados, mas todos resumíveis nessa palavra: intolerância. Um grão de sabedoria teria evitado o morticínio de milhões de criaturas, porém essa partícula mínima depende do movimento de dobrar-se, e os potentados jamais aceitaram sua condição de caniço pensante. Os Távora, em Portugal, os Pazzi, na Itália, Copérnico, Sócrates, nenhum mereceu dos seus juizes uma gota de misericórdia, e o mundo vai caminhando mais lentamente do que se eles o houvessem conduzido.

A intolerância tem um fundamento: o poder. A manutenção do poder a qualquer custo produz guerras mundiais, separa as nações, enforca o Tiradentes. E há sempre adjetivo piedoso para justificar e aplaudir a ação dos governantes. Assim, a Inglaterra intolerante levou o ouro, as riquezas de Portugal, condenou uma ação nobre, nomeando-a infame. Não fosse o medo de D. Maria I e de todos os reis de perder o poder, e a riqueza do Brasil teria pouca ou nenhuma importância. A riqueza não significava em si a "riqueza", mas era signo de poder, e esse poder alcançava um nível de liquidez muito grande no Brasil. Então a vigilância e controle tornaram-se prioritários, a fim de evitar-se o avanço da nascente nacionalidade brasileira.

Por causa da intolerância, os inconfidentes foram condenados, suas famílias e seus bens desconstituídos e o horror espalhado pelas Minas Gerais. As bravas mulheres, como Bárbara Heliodora e Marília, ensandeceram sós, sabendo de seus maridos, intelectuais, poetas ou promissores cidadãos, perdidos na Ilha das Cobras.

Que nos sirva o exemplo desses heróis mortos pela simples razão de faltarem à Misericordiosíssima soberana os atributos da tolerância e da compreensão do que é a palavra terrível: PODER.

4 OS PRIMEIROS SINAIS DA BORRASCA

Uma lei extinta de 8 de agosto de 1618 foi retirada da poeira e

Portugal passou a exigir 20% de todo o produto extraído pelos escravos e faiscadores. Era o "quinto" do "bruto", sob pena de confisco, degredo ou perda total dos bens. Os delatores teriam a metade do produto apreendido em mãos dos contrabandistas, e as tramas, denúncias, ambições e invejas mais absurdas encontraram estímulo oficial.

A 9 de novembro de 1709 é criada a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, sendo nomeado governador Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho. Ele criou as Vilas de Nossa Senhora do Carmo (Mariana) aos 8 de abril de 1711; Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Albuquerque (depois Ouro Preto) aos 9 de julho de 1711; Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, aos 17 de julho de 1771. Aos 2 de dezembro de 1720, desmembra-se da de São Paulo a Capitania das Minas Gerais, tendo como governador D. Lourenço de Almeida.

Criou-se inicialmente um imposto sobre cada escravo que estivesse na bateia, explorando as minas. Seus donos pagariam por cada escravo uma quantia de oitavas. Na época de D. Braz da Silveira, que o sucedeu (31/8/1713), rendia esse sistema, por ano, 25 arrobas de ouro puro para a Coroa. Em suma, 375 quilos livres.

Manuel Nunes Vieira e Manuel Rodrigues Soares protestaram e os paulistas também. Jerônimo Pedroso ensaiou a Cobrança e foi ferido de morte. Seu irmão Valentim Pedroso, perdeu a vida.

O conde de Assumar, governando, enfrentou diversos motins, principalmente em Vila Rica, por causa de ameaças da "derrama". A confusão na cobrança causava falências, e só o desonesto e o contrabandista salvaram-se.

Por alvará da Rainha (5/1/1785) foi proibida a manufatura de objetos de ouro, prata, sedas, algodão, linha e lã, excetuando-se apenas as fazendas grossas de algodão, destinadas aos escravos. Os filhos da terra formavam batalhões e defendiam a Colônia das invasões dos corsários. As gazetas, os livros, até as conversas sobre o que ocorria no mundo eram absolutamente proibidos. Quem tivesse notícias de revoltas e não as delatasse era considerado tão culpado quanto o revoltoso.

Para evitar extravio de ouro, quatro intendentes e quatro fiscais foram nomeados para as Casas de Fundição, além de dois intendentes e igual número de fiscais nos portos do Rio e Bahia. Foi permitida, em absoluto segredo, a denúncia, até que, mais ou menos em 1752, as minas começaram a entrar em decadência. O ouro das Minas Gerais, por ser de aluvião, era superficial, e não duraria muito.

Pombal governou enquanto reinou D. José I (31/7/1750 a 24/2/1777). O próprio rei temia o Ministro e o adulava. Seu punho forte retirou Portugal da degradação e, até cruel, foi o Marquês quem criou uma época na história de Portugal. Os nobres viram-se acuados, a religião perseguida, na figura dos jesuítas, o ensino transformado em suas bases, o comércio com novos

métodos e o país reposto na estrada do prestígio internacional. No meio do fumo e da poeira dos sismos, pôs a nação portuguesa de pé.

Com a morte de D. José, subiu ao trono D. Maria I. Voltaram os hábitos da época de D. João V, quanto à beatice e aos vícios da nobreza luxuriosa e decadente.

Sebastião José, como era agora chamado, era um homem acuado por um bando que exigia sua punição. A rainha, embora antipatizasse com o Marquês de Pombal, manteve-lhe as honrarias e permitiu que residisse na sua quinta.

Enfraquecia a autoridade, e a nobreza tinha, como rainha, uma louca. Foi nesse clima que a independência dos Estados Unidos começou a causar forte impressão na Europa e nas colônias européias da América. Cerca de trinta vezes aparece citado o nome da América Inglesa nos Autos da Devassa da Inconfidência. Sua influência em Minas é marcante; um estudante do Rio de Janeiro, que morava na Rua da Ajuda, encontrou-se com Thomas Jefferson. Escreveu-lhe uma carta despretensiosa, dizendo-lhe que precisavam falar sobre o Brasil. Eis que lhe chega, um dia, a resposta de Thomas. O encontro foi marcado, e a conversa, realizada, embora não ultrapassasse os limites de simples palestra. O nome desse estudante era Joaquim da Maya, e a primeira carta foi datada de 2 de outubro de 1786. A segunda carta de Maya a Jefferson leva a data de 16 de outubro, e a resposta viria aos 26 de dezembro de 1786, saída de Paris.

Já desconfiava a Metrópole de algum movimento, principalmente pelo auxílio externo que parecia estar chegando. Tendo ocorrido uma derrama em 1768, ninguém escapou. Seculares, religiosos, o povo em geral e até o governador, todos gemeram, mas pagaram caro. E em 1769, veio outra derrama. Silvério dos Reis devia 220:423\$149 à Coroa. Esse dinheiro seriam os seus trinta dinheiros.

Para compreensão dos fatos que culminaram na execução de Tiradentes, necessitamos analisar outros fatos que se seguiram.

Governador da Capitania

A atividade do D. Rodrigo José de Meneses concentrou-se em construir uma cadeia para prender quilombolas e vê-los gemer sob o peso das "gargalheiras" no pescoço. Hoje esse presídio é a sede do Museu da Inconfidência Mineira.

O "Fanfarrão" governou até 11/7/1788, quando Luiz Antônio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, o Visconde de Barbacena, o substituiu.

Apesar das humilhações impostas ao povo, não houve revolta ostensiva durante o seu governo.

A 11 de julho de 1788, assumiu o poder o Visconde de Barbacena. Informou que trazia "instruções" secretas para a cobrança dos impostos

atrasados e "deixar tudo de rasto". O montante do quinto não era apenas de 16 arrobas, como em 1763, mas somava 596. A cada habitante tocariam oito oitavas. Domingos de Abreu Vieira, João de Souza Lisboa, Domingos Ferreira da Veiga, João Rodrigues de Macedo, Joaquim Silvério dos Reis "iriam ficar a pé".

D. Rodrigo José de Meneses foi um administrador sensato, sendo substituído por Luíz da Cunha Menezes, o "Fanfarrão Minésio". Nesse tempo, começaram a circular em Vila Rica as famosas *Cartas Chilenas*. São doze cartas assinadas por Critilo e dirigidas a um amigo, Doroteu. A sátira é o processo constante, mas o tom é mais jocoso que azedo!

*"Amigo Doroteu, prezado amigo,
abre os olhos, boceja, estende os braços
e limpa das pestanas carregadas
o pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo, é quem te chama;
ergue a cabeça da engomada fronha
acorda, se ouvir queres cousas raras."*

As "cousas raras" descrevem o mundo às avessas, o Chile (isto é, Minas) à mercê do Fanfarrão Minésio:

*"então verás leões com pés de pato.
Verás voarem tigres e camelos.
Verás partirem homens, e nadarem
os roliços penedos sobre as ondas."*

Fanfarrão ora evoca Sancho Pança, escanchado no Rocinante, a dar sentenças, ora Nero, piedoso e envaidecido no trato com os súditos. Na Carta Terceira, enfoca-se o "Velho Alcimodante" entre seus alfarrábios (Cláudio Manoel da Costa) e do terno Floridoro.

A fluência do decassílabo marca os abusos do mau político, chamado "caduco Adônis", durante os esponsais de D. João e D. Carlota Joaquina.

A denúncia de Critilo é pautada de piedade pelos negros, não incriminando as santas leis do Reino.^{***}

As *Cartas Chilenas* deixaram dúvidas quanto à autoria por mais de um século. Em favor de Cláudio Manuel da Costa coloca-se Caio de Melo Franco, e provando definitivamente a autoria de Gonzaga, colocaram-se

* Cf. TORRES, Wanderley. *Tiradentes*, p. 170.

** Cf. BOSI, Alfredo. *História concisa de literatura brasileira*, p. 83.

*** Id., ib.

Manoel Bandeira e Rodrigues Lapa.*

Na época do desastrado Luíz da Cunha Meneses, começou o Alferes a pensar em liberdade."

Encontrou, enfim, um moço dez ou onze anos menos que ele, Joaquim Silvério dos Reis Montenegro, tipo baixo, grosso, solteiro. Era filho do Capitão José Antônio dos Reis Montenegro e Jerônima de Almeida, português ele, nascido em Leiria. Residia Silvério no Arraial da Igreja Nova, na Borda do Campo (hoje Barbacena). Era Coronel de um Regimento de Cavalaria Auxiliar e proprietário de muitas fazendas e 200 escravos. Devia muito à Coroa, em virtude de um contrato de "entradas". Para merecer o perdão da dívida, teria de prestar um grande serviço à rainha. Então, deu de fazer elogios ao país, espalhando nos espíritos a concepção de liberdade do Alferes.

Tiradentes, como diz Cecília Meireles, no *Romanceiro da Inconfidência*, contava aos ventos seus ideais. Bradava ditos e expressões terríveis nas tabernas, nos quartéis, entre os colegas de farda.

No Rio de Janeiro, Tiradentes conheceu José Álvares Maciel, que lhe traduziu livros e falou de idéias políticas. Ao voltar, animado, nem os padres escapavam ao seu convite. Até os pretos e mulatos começavam a mofar dos reinóis, que haviam chegado com o Visconde.***

Joaquim José da Silva Xavier nasceu na Fazenda Pombal, município de São João del Rei, Minas Gerais, em 1746. A fazenda pertencia a seu pai, Domingos da Silva dos Santos. Foi batizado aos 12/11/1746**** na Capela de São Sebastião do Rio Abaixo. Oficiou o ato o padre João Gonçalves Chaves, capelão da Capela. Foram seus pais Domingos da Silva dos Santos, português, e Antônia da Encarnação Xavier, brasileira. Seus avós, por parte de pai, foram André da Silva e Mariana da Mata Silva, portugueses. Por parte de mãe, Domingos Xavier Fernandes, português, e Maria de Oliveira Sá (ou Colaça), natural de São Paulo. Eram seus irmãos: Domingos da Silva Xavier, depois padre; Maria (depois Maria Vitória de Jesus Xavier); Antônio (depois Padre Antônio da Silva dos Santos); José (depois Capitão José da Silva dos Santos); Eufrásia (depois Eufrásia Maria da Assunção); Antônia (depois Antônia Rita de Jesus Xavier).

Quando nasceu Tiradentes, era rei de Portugal D. João V. Governava a Capitania o Capitão-General Gomes Freire de Andrade, futuro

* MELO FRANCO, Caio de. *O inconfidente Cláudio Manoel da Costa*.

** *Autos*, vol. I, p. 139.

*** *Autos*, vol. III, p. 447.

**** GARCIA, Rodolfo. *Ensaio sobre a história política e administrativa do Brasil*, 1956.

Conde de Bobadela, homem sensato e severo de atitudes.

A fazenda Pombal ficava à margem direita do lendário Rio das Mortes. Trinta e poucos anos antes, ali se desenrolava a Guerra dos Emboabas. Ali perto, estava o Capão da Traição, onde a 15 de fevereiro de 1709 os paulistas foram traídos e imolados pelo emboaba Bento do Amaral Coutinho. Do alpendre se ouviam os sinos das Igrejas de Santa Rita do Rio Abaixo. Tinha dois pavimentos, alpendre largo e comprido à frente e na parte superior, dando para o rio. Em cima, ficavam os cômodos da família; embaixo, as acomodações para as ferramentas. Trinta e cinco escravos trabalhavam em serviços variados, especialmente na mineração e na abertura de córregos e regos. A uns quarenta passos, encontravam-se as senzalas e cozinhas coletivas, com uma calha de água encanada em troncos de coqueiro divididos ao meio. Próximo, na Ponta do Morro, a terra manava ouro sem fim.

Domingos trabalhava como minerador, depois de ter sido almotacé. A mulher educava os filhos, pois era alfabetizada.

Joaquim José tinha boa letra, segundo alguns recibos e petições por ele firmados. A correção idiomática revela prática de escola, tendo certamente ultrapassado o primário de hoje. Andava sobraçando um livro em francês e pediu ao colega de farda, Francisco Xavier Machado, que lhe traduzisse uns trechos. A mesma testemunha que o viu com tais livros disse que levou uns livros ingleses ao sargento-mor Simão Pires Sardinha, para que traduzisse certas passagens sobre a América do Norte. O próprio Alferes confessou ter pedido a Salvador do Amaral Gurgel, em Vila Rica, um dicionário de francês. Inúmeras passagens da Devassa mostram-no com instrução superior, com a atenção voltada para assuntos de cultura, quando a ignorância grassava. O padre José Lopes de Oliveira chamava-o de "gramaticão". O padrinho, Sebastião Ferreira Leitão, lhe ensinou o ofício de pôr e tirar dentes.***

Aos nove anos (6/12/1755) ficou órfão de mãe. Talvez por essa razão possuísse uns olhos arregalados, cheios de constante espanto.

Sebastião Ferreira Leitão, o padrinho, era cirurgião licenciado e clinicava na Vila e nos arredores. Extraía dentes e fazia substitutos muito bons, na maioria de ossos. O Alferes, que tentara a mineração num local chamado Rocinha Negra, chegou a possuir oito sesmarias, mas não foi feliz

* *Autos*, Vol. I, p. 143.

** *Autos*, Vol. IV, p. 65.

*** *Autos*, Vol. V, p. 109.

**** *Autos*, Vol. IV, p. 96.

em suas profissões. Foi tropeiro, ainda jovem. Nessa época, defendeu um escravo da ira de seu senhor. Foi preso. Também esteve na Bahia de onde trouxe idéias maçônicas*. Entretanto, estranhamente, não aparece nas Devassas a menor alusão à Maçonaria.

Tiradentes foi militar e iniciou sua carreira no posto de Alferes. Em 1781, foi nomeado pela rainha, D. Maria I, comandante da patrulha do Caminho Novo. Por essa estrada passavam o ouro e o diamante, através do contrabando. Saíam cargas preciosas dos tributos e rendimentos da Coroa.

Tiradentes, elegantemente fardado, namorou uma moça de nome Ana, sobrinha do padre José da Silva de Oliveira Rolim. Ela tinha quinze ou dezesseis anos, e ele, trinta e cinco. Há uma referência a Ana nos Autos da Inconfidência." A moça já havia sido prometida a um tal José Ferreira, do Sabará.

Tiradentes morreu solteiro, aos quarenta e cinco anos e alguns meses. Teve uma filha com uma pobre viúva, dos arredores de Vila Rica. A filha chamava-se Joaquina. Talvez tenha tido um filho, talvez João de Almeida Beltrão. Quando da execução do Alferes, seu nome foi trocado, e João se casou, mais tarde, com Maria Francisca da Silva. Em, 1922, ainda vivia em Indaiá um tal de Belchior, seu descendente.

5 TAL DIA É O BATIZADO

O governador seria surpreendido sem tropas, sem munição, e o povo estaria livre da cobrança executiva. Bandos percorreriam vilas, aldeias e arraiais, convocando voluntários à adesão, enquanto Gonzaga, Alvarenga e talvez Francisco de Paula assumiriam o poder. E enquanto explodia o levante em Vila Rica, os demais conjurados acorreriam de vários pontos, com pistolas escondidas, e confraternizariam com as tropas de Francisco de Paula. Guarnições bem equipadas iriam para os piquetes da serra, para tomarem o caminho do Rio. Para o Rio iriam tropas que se confraternizariam com as que fossem faladas por Luís Vaz de Toledo Piza. Se as tropas mandadas em contrário fossem em maior número, os revolucionários ofereceriam um soldo de meia pataca para que aderissem. Conseguindo o poder e fundada a República, as dívidas seriam perdoadas. O ouro seria comprado a 1\$500, em vez da cotação que lhe dava a intendência, de 1\$200. A capital iria para São João del Rei, e em Vila Rica seria criada uma universidade. Todo mundo poderia usar qualquer tipo de tecido, e fábricas seriam criadas.

* SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino*, p. 197.

** *Autos*, vol. II, p. 293, 294, 461, 475.

A historiografia que analisa o conteúdo ideológico da Inconfidência afirma que, zeloso de manter o fundamento jurídico da propriedade, os dissidentes de Vila Rica não pretendiam abolir a escravatura caso vingasse o levante. A opinião era partilhada pelos inconfidentes, exceto o mais radical dentre eles, o padre Carlos Correia de Toledo e Melo. Em Tomás Antônio Gonzaga existe uma profissão de fé proprietista, em várias líras.^{*} Na verdade, a inconfidência não era uma revolta de poetas, mas um movimento autêntico, bem distribuído por toda a Capitania.

Eram cerca de vinte e nove os conjurados. Em janeiro de 1789, achavam-se em Vila Rica Carlos Correia de Toledo e Melo, Alvarenga Peixoto, Padre Oliveira Rolim, Álvares Maciel e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier. Tiradentes informava que no Rio muitos negociantes e particulares queriam se anteceder a Minas e fazer a revolução.

Foi discutida a alegoria da bandeira. Teria um triângulo, homenagem de Tiradentes à Santíssima Trindade, protetora da Nova República. As armas também foram discutidas. Alvarenga se lembrou do verso virgiliano "Libertas que sera tamen". Os duzentos escravos de Silvério estariam a postos na estrada do Rio e da Campanha avançaria Alvarenga com seus duzentos "pés rapados".

Tiradentes iniciaria o golpe, subjugando a guarda na Cachoeira, quando o governador estivesse jantando com a família. Invadindo o palácio, prendia-o ou matava-o. Francisco de Paula deu a senha: "Tal dia é o batizado". Tudo prometia dar certo.

Entretanto, no dia 15/3/1789, Silvério dos Reis pôs tudo a perder. Narrou detalhadamente o processo da Conjuração, aumentando pontos, envolvendo inimigos, acusando os amigos íntimos. O governador tratou de agir rápido, sob pena de se ver também envolvido no crime de lesa-majestade. Aos 25 de março, seguia uma carta para o vice-rei, informando os detalhes da articulação do movimento. Iniciava-se um processo que duraria três anos.

6 SOBRE POETAS E CONJURADOS

Tiradentes havia fugido. Por três dias as buscas continuaram. Luís de Vasconcelos se impacientava, e o Alferes não era encontrado. Só foi localizado quando se encontrou com o padre Domingos Fernandes e lhe pediu que fosse ao encontro de Silvério dos Reis, seu verdadeiro amigo, para saber notícias de Minas.^{**}

^{*} BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 67.

^{**} *Autos*, vol. V. p. 164

A denúncia de Silvério iria pôr a perder as famílias dos inconfidentes. Quanto a Tiradentes, seria enforcado, esquartejado, além de outras penas mais que atingiriam sua descendência. Só o delator ganharia o perdão da dívida para com o erário e receberia uma pensão de 400\$000 anuais, extensivos à família.

A prisão do padre e a descoberta do esconderijo foram rápidas. Tiradentes foi preso na Rua dos Latoeiros, na casa de Domingos Fernandes.

O Visconde de Barbacena mandou prender os suspeitos, conforme as delações que recebera. O tenente Antônio Dias Coelho seguiu para o Rio das Mortes com a incumbência de prender Alvarenga, o sargento-mor Luís Vaz, Carlos Correia e Oliveira Lopes.

Na manhã de 21 de maio, "*estando ainda deitado*", foi preso Gonzaga. Foram detidos também Domingos de Abreu Vieira, o padre José Lopes de Oliveira e, dias depois, o coronel José Aires Gomes. Alvarenga foi preso em São João del Rei, quando se achava de partida para a Campanha do Rio Verde. Foi mandado chamar a quartel pelo tenente Dias Gomes. O tenente-coronel Francisco de Paula foi posto na prisão "*aos empurrões*". Luís Vaz e o Coronel Francisco Antônio fugiram, mas foram posteriormente encarcerados na cadeia pública de Vila Rica. Em junho, o inglês Nicolau Jorge, de 32 anos, natural da Irlanda, foi preso porque gostava de conversar com o padre Luís Vieira. Seu crime: era inglês. A seguir, foi preso o padre Rolim. Cláudio Manuel da Costa foi interrogado a 2/7/1789. Dois dias depois, foi encontrado morto na prisão. Suicídio ou assassinato? O livro *Em liberdade*, de Silviano Santiago, constrói a segunda hipótese e trabalha sobre ela de maneira deveras interessante.

A rainha foi considerada "Piedosa", pois a real pena deveria ser a mesma aplicada sobre os Távora: quebrados os ossos primeiramente, pela maça, e depois, o esquartejamento. Entretanto, só o Tiradentes foi condenado à força.

Eram réus de inconfidência os seguintes indicados:

- 1 . Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade
- 2 . Coronel Inácio José de Alvarenga
- 3 . Desembargador Tomás Antônio Gonzaga
- 4 . Coronel José Aires Gomes
- 5 . Sargento-mor Luís Vaz de Toledo Piza
- 6 . Capitão José de Resende Costa (pai)
- 7 . Alferes Joaquim José da Silva Xavier
- 8 . Capitão Vicente Vieira da Mota

* Autos, vol. IV, p. 248

** Autos, vol. II, p. 218

- 9 . Faustino Soares de Araújo
10. Manoel da Costa Capanema
11. José Álvares Maciel
12. Domingos Vidal de Barbosa
13. Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes
14. João da Costa Rodrigues
15. José Martins Borges
16. Tenente-Coronel Domingos de Abreu Vieira, com um escravo
17. José de Resende Costa (filho)
18. Capitão José Dias da Mota
19. Tenente Fernando José Ribeiro
20. Salvador Carvalho do Amaral Gurgel
21. Antônio de Oliveira Lopes
22. João Francisco das Chagas
23. Vitoriano Gonçalves Veloso
24. Alexandre, pardo, escravo do padre José da Silva
25. Domingos Fernandes da Cruz
26. Manoel José de Miranda

Réus já falecidos:

1. Capitão Manoel Joaquim de Sá Pinto do Rêgo Fortes
2. Cláudio Manuel da Costa
3. Francisco José de Melo

Réus eclesiásticos:

1. Carlos Correia de Toledo e Melo
2. José da Silva de Oliveira Rolim
3. Luis Vieira da Silva
4. Manoel Rodrigues da Costa
5. José Lopes de Oliveira

Envolveram-se na Inconfidência Mineira os mais importantes poetas da época, entre os quais Cláudio Manuel da Costa.

Sua formação literária portuguesa e italiana e o talento de versejar compuseram em Glauceste Satúrnio (Cláudio) o perfil de um arcade. Tomás Antônio Gonzaga considerava-o mentor na arte de escrever. Os cem sonetos de Cláudio (dos quais quatorze em italiano de cunho metastasiano) compõem o cancionário de prados e rios, montes e vales mineiros. Chamava a natureza

Cf. TORRES, Luis Wanderley. *Tiradentes*, p. 336

para consolo dos próprios males e sua situação existencial se identificava com essa complexidade natural.

Cláudio é, sem dúvida, um poeta menos brasileiro que Tomás Antônio Gonzaga, que nasceu no Porto. O trauma da mudança não se traduziu apenas nas ninfas. A publicação de suas *Obras* (1768) marca, também seu ingresso no mundo das letras. O *Vila Rica* (1773) foi obra de emulação com o *Uruguai* (1769), de Basílio da Gama.

Traços de nativismo acham-se na obra exígua de Alvarenga Peixoto. Escreveu como neoclássico, fazendo também poemas laudatórios, com entusiasmo sincero, ao louvar Pombal, mas por urgência do indulto, no caso de D. Maria I.

Ao Marquês dedicou uma trabalhada Ode, sobre o tema do herói pacífico. Ao quadro da guerra ("o horror, o estrago, o susto") o poeta contrapõe o labor e a ordem, conforme a paisagem mítica da Arcádia.

Alvarenga Peixoto combina a loa do progressismo com a aceitação do governo forte. Quer o déspota ilustrado. Nas oitavas do "*Canto Genetliaco*", escrito em 1782, quando nasceu o filho do governador das Minas, o nativismo se funde ao poder luso.

Preso na Ilha das Cobras, a negação sistemática de ter participado no movimento levou-o a extremos de subserviência a D. Maria I, pela boca do índio Pão-de-Açúcar:

*"Sou vassalo, sou leal;
como tal,
fiel, constante,
sirvo à glória da imperante,
sirvo à grandeza real.
Aos Elísios descerei,
fiel sempre a Portugal,
ao famoso Vice-Rei,
ao ilustre general,
às bandeiras que jurei."*

Na "*Ode a D. Maria*", o índio dá à Inconfidência uma dimensão luso-brasileira. Dos poemas descobertos por Rodrigues Lapa, muitos são pré-românticos.

Quanto a Tomás Antônio Gonzaga, há um homem de letras jurídicas e um de alta burguesia no *Tratado de Direito Natural*, escrito com o intuito de galgar um posto na Universidade de Coimbra. Viveu toda a vida metido em ofícios e pareceres. Sua perícia lhe valeu posições de prestígio, mesmo

* Cf. LAPA, Rodrigues. *Vida e Obra de Alvarenga Peixoto*, 1960.

** BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 85.

quando exilado em Moçambique. Mas houve, no quarentão prático e prudente, um lírico que a inclinação por Marília fez despertar e um satírico a quem picaram os desmandos de um tiranete. Correm lendas sobre o enamorado perpétuo, o rebelde amigo de Tiradentes. O homem que enlouqueceu no degredo. As líras, os rondós e os madrigais ordenavam melancolicamente um universo reduzido de emoções. Escreveu tão galantemente que no seu trabalho sobreleva o mito grego, a paisagem bucólica, o vezo do epigrama. Dirceu ora é pastor, ora é juiz, quando um ou outro atributo frisa o seu *status* superior.

As suas palavras de desprezo a Tiradentes, durante o tempo de prisão, fraqueza perdoável pelo próprio espírito do poeta, ferem a tecla de uma vaidade indisfarçável:

*"Ama a gente assisada
a honra, a vida, o cabedal, tão pouco
que ponha uma ação destas
nas mãos dum pobre, sem respeito e louco?"*

...
*A prudência é tratá-lo por demente
ou prendê-lo ou entregá-lo,
para dele zombar a moça gente."*

O "*otium cum dignitate*" do magistrado era tirado da fortuna que lhe deu talento para escrever versos. Mesmo nas líras compostas no cárcere, o desejo de temperar as próprias dores com novas galanterias e torneios mitológicos é prova de um caráter altamente lírico, mas incapaz de extremos. Isso o conduziu são e salvo à África, onde se casou e enriqueceu.

*"Nesta cruel masmorra tenebrosa
ainda vendo estou teus olhos belos,
a testa formosa,
os dentes nevados
os negros cabelos.
Vejo, Marília, sim; e vejo ainda
a chusma dos Cupidos, que pendentos,
dessa boca linda,
nos ares espalham
suspiros ardentes."*

Não poderíamos deixar de mencionar as mulheres dos inconfidentes, que bravamente lutaram pelos ideais da Inconfidência e sofreram até a loucura a ausência de seus pares.

* Cf. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 81

Marília de Dirceu, a musa de Tomás Antônio Gonzaga, tornou-se célebre pela motivação das famosas liras a ela dedicadas pelo noivo. Entretanto, há vestígios na própria história da Inconfidência (e o livro de Antônio Barreto, editado pela Editora LÊ em 1990 trata disso com enorme propriedade e beleza) de que teria sido ela o embaçado que avisou Gonzaga sobre a sua próxima prisão. Assim como Cláudio parece ter sido "suicidado" em virtude de uma confissão que incriminava os famosos mandatários de Vila Rica, Marília, a D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, surge cada vez mais claramente como a personagem desconhecida que andou pelas ruas de Vila Rica, avisando sobre as prisões. Na verdade, Marília não era apenas a gentil donzela que se mitificou por seu amor longínquo. Foi também uma incitadora do movimento, participando dele ativamente, ao lado de sua amiga Bárbara Heliodora.

Bárbara Heliodora também se transformou em personagem de romance.^{***} Quando de sua prisão, durante os interrogatórios, o marido Alvarenga Peixoto chegou a confessar que a mulher o levava a participar dos encontros. Num tempo em que as mulheres quase não passavam de escravas, Bárbara abria os caminhos de uma rebelião silenciosa. Sua beleza deslumbrava os homens e enchia Vila Rica de um sentimento que depois se chamaria "feminismo". As intrigas políticas a fascinavam e foi até a loucura o seu patriotismo. Afinal, vendo o marido perder-se em terras estrangeiras, e perdendo também sua linda filha Ifigênia, nas mãos dos soldados da rainha, ensandeceu. Passou a andar desgrenhada pelas ruas de São João del Rei, sempre acompanhada e olhada de perto pela suave musa, Marília.

"Amada filha, é já chegado o dia
em que a luz da razão, qual tocha acesa,
vem conduzir a simples natureza,
é hoje que o teu mundo principia.

A mão que te gerou teus passos guia
despreza ofertas de uma vã beleza
e sacrifica as honras e a riqueza
às santas leis do filho de Maria.

Estampa na tua alma a caridade,
que amar a Deus, amar aos semelhantes,

* BARRETO, Antônio. *A barca dos amantes*: história de Marília de Dirceu.

** O livro *Em liberdade*, de Silviano Santiago, faz um trabalho em torno do assunto. Vale a pena confirmar.

*** Ver MARTINS, Sebastião. *A dança da serpente*. Belo Horizonte: Ed. LÊ, 1990.

são eternos preceitos de verdade.

Quanto a Silvério dos Reis, depois de nove meses de custódia na fortaleza de São José, na Ilha das Cobras, voltou a Minas e aí não pôde mais viver. Teve as dívidas perdoadas e alcançou uma pensão anual vitalícia de 400\$000. Sempre vaidoso, requereu do rei D. João VI a condecoração da "Venera da Nova Ordem de N. Sra. da Conceição de Vila Viçosa". Não foi atendido. Felizmente! Ouviu o brado da Independência, mas nossa alegria está no fato de que os mineiros o repudiaram. Não lhe permitiram jamais voltar aqui. Para Judas, o esquecimento e a solidão dos seus trinta dinheiros.

Joaquim José da Silva Xavier, o homem feliz que descia as encostas de Vila Rica, contando "*aos campos e às ervinhas*" que havia um futuro em Minas em que ninguém mais seria espoliado; esse Tiradentes que acreditava no céu e na liberdade, tinha um amigo: o Aleijadinho.

Os historiadores vão analisando fatos, juntando a bibliografia da Inconfidência, e a cada passo a figura de Aleijadinho se delineia. Os profetas de Congonhas são o próprio grito de revolta. Isaías lança aos pássaros um olhar de interrogação. Não seria Isaías o Tiradentes, representado na pedra, para uma póstuma homenagem ao herói? Marilusa Moreira Vasconcellos diz que sim. Após a chegada da cabeça do mártir a Vila Rica (21 de maio), o governador recebeu um bilhete anônimo:

"De onde vem, Excelência, o temor de se enterrar o Tiradentes?

Será que os defuntos também dão sementes?"

Coisas do Aleijadinho."

Os séculos reforçam a grandeza dos Passos e a pedra dura não sofre os danos da intempérie. Duzentos anos faz que o Tiradentes conduza os inconfidentes, no adro da Igreja mineira.

Por que o Aleijadinho, importante conspirador, com uma obra reconhecida por todos, não foi morto ou deportado? Parece que o estado físico o protegeu, nessa hora. Depois da partida do último amigo de Tiradentes, ficou o Aleijadinho, Francisco Lisboa, em Vila Rica. E se pôs a contar, com a linguagem artística, o feito dos grandes heróis.

Talvez a inspiração dos mártires o tenha auxiliado, diz Marilusa. "Talvez a impressão do sacrifício de Cristo tenha vindo à mente do Aleijadinho, porque é o mesmo do Tiradentes. O quadro da cruz e da crucificação seria tão somente uma variação dos passos de Joaquim José da Silva Xavier, nas reuniões a que assistia o aleijado, embaçado pela noite e pelo manto caído sobre as chagas. Jesus e Tiradentes são a idêntica majestade do amor a de crença nos homens.

* VASCONCELLOS, Marilusa Moreira. *Confidências de um inconfidente*, p. 333.

** Id., ib.

Um e outro pregam o evangelho, chamando os oprimidos à luta. Pelos arredores da Galiléia, vai o Cristo, vestido de branco, com sua barba longa, com seu sorriso imaculado. Pelos arredores de Vila Rica, vai o Tiradentes, com sua barba longa, com seu sorriso imaculado. Repetições do mesmo tema. Composições para a mesma sinfonia. Jesus e Tiradentes se surperpõem, como irmãos univitelinos. O Brasil também não muda, nessa comparação. O cenário de Pôncio Pilatos é igual ao do Visconde. O traidor Judas tem a mesma cara feia do devedor Joaquim Silvério. Um se arrepende e se enforca, enrolado na corda da figueira. O nosso bandido, porém, é ainda mais autêntico. Só nos infernos terá, com certeza, pensado melhor nos seus feitos, que só foram defeitos.

Aleijadinho contempla o Tiradentes, enquanto o ouve discursar. Analisa os traços suaves, a testa e o cabelo puxado. "Meu Deus, deveria dizer, ele tem os olhos espantados. É assim que devo fazê-lo, quando vencer o nosso movimento!"

Então, lá estão os profetas. Quem quiser pode conferir. O Tiradentes e os outros eternamente falam da liberdade, basta saber escutar o que falam as línguas de pedra. O Aleijadinho permanece vivo, e há quem já tenha visto a sua figura oculta deslizar pelas vielas da atual Ouro Preto. Os turistas de hoje desconfiam dessa lenda, escarafuncham a cidade - patrimônio. Depois vão a Congonhas, olham as doze estátuas e escrevem livros sobre a Conjuração de 1789. Por causa do Aleijadinho, todo mundo vai a Congonhas conhecer Gonzaga ou Cláudio.

E o Cristo, quero dizer, o Tiradentes, vai ensinando às ervinhas, como bom pastor que é, o nome que tem no peito: liberdade, liberdade. Ainda que tarde, ainda que os ânimos às vezes esmoreçam, diante da tirania aparentemente constante dos governadores, ainda assim, a liberdade está vindo. Chegará num dia de sol, quando os heróis descerem os montes e vierem dizer que Jesus e o Tiradentes, enfim, retornam às Minas. Ninguém mais será oprimido, e o quinto será perdoado. Haverá lugar para todos, sem nenhuma distinção de raça, cor ou religião. Todos se amarão como irmãos, e o Tiradentes será rei do Brasil. Em todo o universo, Jesus governará. E será de fraternidade, igualdade e liberdade a lei que regerá os destinos do país.

Abstract: Tiradentes and the so-called *Inconfidentes* (partisans of the insurrection in Minas Gerais). This paper studies the *Inconfidência Mineira* (the 18th century revolutionary movement in Minas Gerais), its background and the role played by Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALMADA, Izaías. *O medo por trás das janelas*. São Paulo: Liberdade, 1991
- ALENCAR, Gilberto. *Tal dia é o batizado*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981
- ANTONIL. *Cultura e opulência do Brasil*. Ed. Livraria Progresso, 1950
- ANUÁRIO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, Ano III.
- AUTOS DA DEVASSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA: Rio: Ministério da Educação, 1936/7 v.
- BANDEIRA, Manuel. A autoria das Cartas Chilenas. *Revista do Brasil*. Abril, 1940.
- BARRETO, Antônio. *A barca dos amantes*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1990.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- CASTRO, Antônio de Barros. A região das minas. In: *50 textos de história do Brasil*. Org. Fenelon, Dea Ribeiro. São Paulo: HUCITEC, 1974
- NÓBREGA, M. *Cartas do Brasil*. Publicação da Academia Brasileira de Letras, 1978
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. F. Brigueit & Companhia Editora, 1979.
- CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, por Sônia Salomão Khéde. SP: Livraria Agir Editora, 1983.
- DANTAS, Júlio. *O amor em Portugal no século XVIII*. Porto: Livraria Chandron, 1916.
- FAORO, Raimundo. A apropriação de rendas: o pacto colonial, monopólios, privilégios e tributos. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, vol I, Porto Alegre.
- FELIPE DOS SANTOS, Joaquim. *Memórias do distrito diamantino*. Livraria Castilho, 1924.
- GARCIA, Rodolfo. *Ensaio sobre a história política e administrativa do Brasil*. Editora José Bonifácio, 1956.
- GOUVEA, Jaime Prado. *O altar das montanhas de Minas*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990.
- GREGÓRIO DE MATOS: *Sátira*, por Ângela Maria Dias. São Paulo: Agir, 1990.
- VELOSO, Herculano. *Ligeiras memórias sobre a Vila de São José nos tempos coloniais*. Belo Horizonte, 1955.
- LAPA, M. Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio: Instituto Nacional do Livro, 1960.
- As Cartas Chilenas*. Rio: Instituto Nacional do Livro, 1958.
- LIMA JÚNIOR, A. de. *Pequena história da Inconfidência de Minas Gerais*, 1976
- LOPES, Francisco Antônio. *Os palácios de Vila Rica*, Belo Horizonte, 1955

- MARTINS Sebastião. *A dança da serpente*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990
- OLIVEIRA MARTINS. *História de Portugal*. Lisboa: Ed. Guimarães & Cia, 1951
- RELATOS SERTANISTAS. Dir. de Afonso E. de Taunay. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1979
- REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Org. Luis Pinto; *Tiradentes*. Ed. Panamericana LTDA, 1939
- SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. São Paulo: Perspectiva, 1978
- SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do destrito diamantino*. Livraria Castilho, 1964
- SIMONSEN, Roberto C. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1969
- SOUSA SILVA. J. Norberto de. *História da conjuração mineira*. Ed. Imprensa Nacional, 1948
- VASCONCELOS, Marilusa Moreira. *Confidências de um inconfidente*, São Paulo: Editora Espírita Radhy LTDA, 1987
- TITO LÍVIO FERREIRA. *Gazeta de São Paulo*. Artigo "Tiradentes pertencia à nobreza de Minas Gerais" - ago/1965
- TORRES, Luis Wanderley. *Tiradentes: a áspera estrada para a liberdade*. São Paulo: Obelisco, 1965

AINDA

- . MEIRELES, Cecília. *O Romanceiro da Inconfidência*, 1953